



## PERSPECTIVAS DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS DAS MASCULINIDADES NO FORRÓ ELETRÔNICO NORDESTINO

### DISCURSIVE-PRAGMATIC PERSPECTIVES OF MASCULINITIES IN THE NORDESTINO ELECTRONIC FORRÓ

Dina Maria Martins Ferreira<sup>1</sup>  
Gustavo Cândido Pinheiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão conceitual e analítica sobre processos performativos implicados na construção e na naturalização do que vamos chamar de “masculinidade forrozeira”. Nosso objetivo é compreender o papel de determinados valores identitários envolvidos na circulação performativa de sentidos sobre masculinidade em jogos de linguagem da prática cultural forró eletrônico. O estudo se ampara nos aportes teórico-metodológicos da Nova Pragmática/Pragmática Cultural (RAJAGOPALAN; MARTINS FERREIRA, 2006; RAJAGOPALAN, 2010, 2016; ALENCAR; MARTINS FERREIRA, 2012; FABRÍCIO; PINTO, 2013; ALENCAR, 2014; PINTO, 2014) e nos estudos sobre identidades de gênero (BUTLER, 1997, 2000, 2003) com foco nas masculinidades (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ALBUQUERQUE, 2000, 2003, 2010). O quadro analítico inclui as categorias avaliação, explicitação de autoimagem (PINTO, 2014) e retórica sinonímica (FIORIN, 2014). Os resultados indicam que a masculinidade forrozeira se constitui na performatividade que reproduz uma tradição nordestina de sentidos e valores sobre “o homem regional”, mas que, ao mesmo tempo, instaura outros modelos igualmente hegemônicos no âmbito das masculinidades. Concluímos salientando a necessidade de tematizar e problematizar sentidos naturalizados que, eventualmente, possam estar na base de desigualdades de gênero, exclusões, estigmas e objetificação feminina.

**Palavras-chave:** performatividade; identidade; masculinidade; forró eletrônico.

**Abstract:** This article presents a conceptual and analytical discussion about performative processes involved in the construction and naturalization of what we will call “forrozeiro masculinity”. Our objective is to understand the role of certain identitary values involved in the performative circulation of meanings about masculinity in language games of the cultural forró-electronic practice. The study is supported by the theoretical-methodological contributions of the New Pragmatics/Cultural Pragmatics (RAJAGOPALAN; MARTINS FERREIRA, 2006; RAJAGOPALAN, 2010, 2016; ALENCA; MARTINS FERREIRA, 2012; FABRÍCIO; PINTO, 2013; ALENCAR, 2014; PINTO, 2014) and in studies on gender identities (BUTLER, 1997, 2000, 2003) with a focus on masculinities (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ALBUQUERQUE, 2000, 2003, 2010). The analytical framework includes the categories assessment, self-image explicitation (PINTO, 2014) and synonymous rhetoric (FIORIN, 2014). The results indicate that forrozeiro masculinity is constituted in the performativity to exist and reproduce itself and it does what it reproduces by dialoguing with a northeastern tradition of meanings and values about “the regional man”, but which, at the same time, establishes other equally hegemonic models within the scope of masculinities. We conclude by emphasizing the need to thematize and problematize naturalized meanings that, eventually, may be at the base of gender inequalities, exclusions, stigmas and female objectification.

**Keywords:** performativity; identity; masculinity; electronic forró.

---

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil. [dinaferreira@terra.com.br](mailto:dinaferreira@terra.com.br)  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2585-497X>

<sup>2</sup> Docente no Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). [gustavopinheiro@unilab.edu.br](mailto:gustavopinheiro@unilab.edu.br)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9620-7094>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, a noção de identidade passou a ter bastante proeminência tanto em pesquisas das ciências humanas e sociais (HALL, 2000; BASTOS; MOITA LOPES, 2001; MOITA LOPES, 2003), quanto para o cidadão comum, interessado nos destinos da *pólis* (RAJAGOPALAN, 2003). Em outras palavras, discussões sobre questões identitárias atravessam diversos âmbitos, desde o debate público à investigação científica, como um dos mais recorrentes focos de interesses individuais e coletivos. Esse conceito segue como um elemento conceitual descritivo e explicativo de lutas, embates e valores conflitantes que caracterizam a vida social contemporânea.

Neste artigo, apresentamos uma interpretação a respeito de valores identitários que circulam sobre masculinidade no forró eletrônico em Fortaleza-CE. Em específico, discutimos, sob uma perspectiva performativa das identidades, ou seja, como concepções de masculinidade são produzidas e naturalizadas em jogos de linguagem na prática cultural Forró Eletrônico. Em outras palavras, desenvolvemos uma reflexão não só sobre alguns aspectos da identidade projetada para os homens forrozeiros, mas também outros reivindicados por parte deles.

Os dados da presente discussão fazem parte do *corpus* coletado em Pinheiro (2015). São dados provenientes de uma pesquisa de cunho etnográfico, isto é, uma investigação que exige observar contextos de produção, circulação e consumo de forró eletrônico em casas de shows de Fortaleza, entre os anos de 2013 e 2014, com a finalidade de vivenciar práticas culturais forrozeiras e selecionar músicas que tematizam mais diretamente a questão da identidade masculina no forró. Para fundamentar nossa análise, damos centralidade a três noções específicas: jogos de linguagem, performatividade identitária e masculinidade hegemônica. A justificativa para a escolha de determinadas canções vincula-se a músicas que tematizam mais diretamente atividades e aventuras festivas e sexuais do ‘playboy pegador’ – constructo identitário central na performatividade da masculinidade forrozeira. São elas: ‘O pegador’, ‘Levanta a mão pro céu’ e ‘Estilo namorador’, da banda Garota Safada e as canções ‘Sexo’ e ‘Playzinho’ da banda Forró Real.

O Forró Eletrônico se caracteriza por ser uma terceira fase do gênero musical forró. Nessa fase, os empresários e donos das bandas mesclam ritmos musicais, incorporam novos instrumentos, tematizam outros assuntos, tais como bebida, sexo e luxo, por exemplo. Além disso, as bandas, como empresas, intensificam estratégias mercadológicas. A tendência passa a ser a atribuição de grande valor ao espetáculo ao vivo, em detrimento da venda de CDs. Para tanto, as músicas são disponibilizadas de graça na internet, como uma forma de produzir interesse na experiência de ir aos shows de forró. Dito de outro modo, em termos de comercialização, “a ênfase da circulação musical recai não na música gravada e comercializada em suportes específicos, mas sim na experiência musical ao vivo” (TROTTA, 2009, p. 8). Esse fato amplia a circulação dos sentidos sobre masculinidade. Os atores sociais que integram às práticas culturais forrozeiras passam a ter ainda mais acesso a projeções de modos de ser, agir e pensar identitários presentes no forró eletrônico.

Diante das múltiplas possibilidades de sentido das masculinidades no forró eletrônico, articulamos a perspectiva da Nova Pragmática e da Pragmática Cultural<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Nova Pragmática é um designação criada por Rajagopalan (2010), que visa a demonstrar que o uso da linguagem discutido por Austin (1962), em suas doze conferências, não pode receber uma sistematicidade fechada como o fez seu discípulo Searle (2013), acreditando que a morte prematura de seu mestre significava não ter terminado sua ‘teoria’. Este mesmo sentido de não-sistematicidade abarca a ideia de Pragmática Cultural (ALENCAR; SOUSA; BRITO, 2020), em que as particularidades culturais se

(RAJAGOPALAN; MARTINS FERREIRA, 2006; RAJAGOPALAN, 2010, 2016; ALENCAR; MARTINS FERREIRA, 2012; FABRÍCIO; PINTO, 2013; ALENCAR, 2014; PINTO, 2014) com os estudos sobre identidades de gênero (BUTLER, 1997, 2003) com foco nas masculinidades (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ALBUQUERQUE, 2000; 2003; 2010). Diante da variedade epistemológica que se apresenta, por um lado, são estabelecidos conceitos e categorias como atos de fala, performatividade, jogos de linguagem, formas de vida, iterabilidade etc. e, por outro, noções como desigualdade, poder, hegemonia, estrutura social, entre outros. No entanto, damos mais ênfase: (1) a interpretação de Alencar (2014) a partir das reflexões do filósofo Wittgenstein (1989) sobre linguagem em uso, com foco na noção de jogos de linguagem; e (2) a concepção de que as práticas performativas de linguagem atuam nos processos de produção de identidades sociais (FABRÍCIO; PINTO, 2013; PINTO, 2009, 2014).

## **2. PRÁTICAS LINGUÍSTICAS COMO JOGOS DE LINGUAGEM: PARA UMA PRAGMÁTICA CULTURAL**

A partir de conceitos de ‘jogos de linguagem’ e de ‘formas de vida’, Wittgenstein (1989) desenvolve um conjunto de reflexões sobre a relação entre linguagem, hábitos e sentidos. Para esse autor, a significação se encontra nos usos que costumamos fazer da linguagem. Nessa concepção, os usos linguísticos são inseparáveis de regras socioculturais (jogos de linguagem) e, portanto, a significação está sempre envolucrada a hábitos, costumes, rotinas, convenções, que são, a rigor, também modos de agir/fazer dos grupos sociais (formas de vida).

Alencar (2014) estabelece aproximações entre a teorização wittgensteiniana e os Estudos Culturais (HALL, 1997, 2000) para propor a Pragmática Cultural, cujo enfoque visa compreender, além da perspectiva de linguagem como ação, os sentidos nas práticas culturais cotidianas que os atores sociais vivenciam. Para tanto, essa pesquisadora concebe “uma proposta de análise das práticas culturais como jogos de linguagem” (ALENCAR, 2014, p. 87), que, em outras palavras, seria uma perspectiva teórico-metodológica, em alinhamento com os estudos críticos da linguagem, que se interessa por desenvolver “uma análise linguística da cultura, que leve em conta as determinações históricas e as operações de poder” (ALENCAR, 2014, p. 86).

Para Alencar (2014), elementos socioculturais e comunicacionais são eminentemente inter-relacionados. O entendimento desses elementos como integrantes de jogos de linguagem enfatiza o fato de que os sentidos são sempre parte de processos socioculturais. Desse modo, esse estudo procura contemplar diferentes dimensões dos jogos de linguagem, ou seja, uma abordagem que, “sem ignorar a presença de estruturas textuais e de organizações discursivas”, desenvolve “um trabalho sobre as culturas vividas, levando em conta a complexidade social concreta” (ALENCAR, 2014, p. 85). Em outras palavras, as práticas sociais e as convenções socioculturais e históricas são, em parte, estabelecidas através das maneiras de viver os usos da linguagem (a produção de sentidos) que os atores sociais recorrem durante suas vidas.

Alencar (2014) salienta a necessidade das investigações considerarem a etnografia como um aparato teórico-metodológico indispensável à própria constituição desse modo de fazer pragmática. As pesquisas desenvolvidas por esta autora têm como proposta mergulhar etnograficamente nos contextos investigados como um recurso para melhor

---

movimentam em contexto histórico-político que afeta o uso da linguagem, inclusive a cotidiana. E como ambas as designações emergem do uso da linguagem ordinária, amalgamamos as duas perspectivas.

compreender e explicar os sentidos produzidos nos espaços situados e sua relação com a cultura mais ampla. Essa abordagem de pesquisa desce ao campo das “práticas de linguagem como práticas culturais” (ALENCAR, 2014, p. 81) e investiga a comunicação em ato em seus contextos situados e socioculturais.

Nessa concepção, os sentidos não se limitam a interações contextuais face a face, pois o conjunto de regras e convenções sociais que norteiam os usos linguísticos faz parte de uma Gramática Cultural. O contexto situacional, tão propalado como sendo o que identificaria a área de estudos da pragmática, passa, portanto, a ser questionado como fator único e determinante da significação, e passa a ser entendido como algo escorregadio, nunca totalmente determinável e saturável (DERRIDA, 1991; ALENCAR; MARTINS FERREIRA, 2012).

A produção de sentidos e suas relações com concepções, percepções, categorias etc. se dão tanto no aqui-agora das interações locais quanto na influência de sentidos mais amplos, estabelecidos sociocultural e historicamente. Nessa perspectiva, concebe-se que “a linguagem não exclui significações ao longo de seu percurso no espaço-tempo histórico; ao contrário, a cada expressão significante, resíduos significativos processam-se e se remodelizam” (MARTINS FERREIRA, 2006b, p. 280), ou seja, a significação que está “atuando no instante performativo é enredada à dialética entre o sentido do instante e o seu percurso histórico” (MARTINS FERREIRA, 2005, p. 65).

Essa concepção permite considerar diferentes níveis contextuais de modo a salientar as relações entre permanência histórico-cultural e emergência situada. Fabrício e Pinto (2013) pontuam o cerne da questão ao dizerem que

Os sujeitos sociais organizam sua experiência cotidiana de acordo com referências macrossociológicas, isto é, em diálogo com um repertório de crenças e valores em circulação, constituídos na cultura e na sócio-história. Esse entendimento permite a exploração da relação entre atividades comunicacionais localmente situadas e processos sociais mais amplos, que transcendem o local em sua “permanência” trans-histórica (FABRÍCIO; PINTO, 2013, p. 14, grifo do original).

Vale ratificar que as reflexões conceituais e analíticas da Pragmática Cultural também fazem parte da Nova Pragmática, porquanto ambas as áreas se amalgamam pelo fato de abraçarem a Filosofia da Linguagem Ordinária (FLO) (AUSTIN, 1962). Para esses pragmatistas, a reflexão sobre as práticas de linguagem enfatiza a dimensão performativa dessas práticas, isto é, consideram o uso da linguagem como formador de realidades sociais por meio da própria rede de sentidos em circulação, de modo que os conceitos, as concepções, as percepções, as ideias, as crenças, as noções, as cosmovisões, os sentimentos, as afinidades etc. sejam frutos de processos linguístico-performativos com os quais nos engajamos durante a vida.

### **3. IDENTIDADES: VISÃO PERFORMATIVA**

Segundo Moita Lopes (2003), fatores culturais, sociais, econômicos, políticos e tecnológicos, que atravessam o nosso tempo, têm feito com que a temática da identidade passe a ser central em pesquisas das ciências humanas e sociais, inclusive nos estudos da linguagem. Tais pesquisas querem construir entendimento sobre quem somos ou em que estamos nos tornando.

Uma forma singular de pensar a questão identitária está presente nas reflexões da filósofa Judith Butler (1997), que oferece a Teoria Queer, sem deixar de recorrer a performatividade (AUSTIN, 1962; DERRIDA, 1991). Ou melhor, Butler (1997; 2000)

recorre à noção de ‘ato performativo’ com o objetivo de explicar o carácter linguístico-discursivo envolvido na produção das identidades de gênero. Nessa perspectiva, a gênese da identidade se encontra em processos performativos de significação, quer dizer, as identidades são performatizadas e o que as faz existir são precisamente os processos de atribuições de sentidos. Pinto (2014) nos esclarece que a teorização sobre a relação performatividade/identidade passou por um percurso curioso: foi da reflexão seminal de John Austin, em *How to do things with words* (1962) aos estudos feministas de orientação *queer* (BUTLER, 1997; 1999); posteriormente aos estudos *queer*, chega-se aos estudos sociolinguísticos críticos, interessados nos efeitos problemáticos do sexismo linguístico (YAGUELLO, 1987; CAMERON *et al.*, 1993) e, finalmente, dos estudos sociolinguísticos aos estudos pragmáticos, em específico, a Nova Pragmática (PINTO, 2009).

Segundo Rajagopalan (2016), a interpretação que Butler faz da Teoria dos Atos de Fala de Austin revitalizou e potencializou a noção de performativo, sobretudo, por acentuar as implicações das nossas ações na vida em sociedade. Daí a indagação de “como fazer identidades com palavras?” (PINTO, 2014, p. 215). Em específico, as investigações nesse campo têm apontando que determinados atos linguístico-discursivos performativos constroem hegemonias de gênero (PINTO, 2009; 2014; MARTINS FERREIRA, 2006a), de classe social (MARTINS FERREIRA, 2006b), étnico-raciais (MUNIZ, 2009), regionais (SILVA, 2010), culturais (LOPES, 2014) entre outras. Tais estudos apontam que as identidades sociais (e os processos performativos envolvidos) são sempre atravessadas por relações de poder.

De acordo com Butler (2000, p. 111, grifo do original) “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Já Pinto (2014, p. 219), postula que “as identidades são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamento”.

Em síntese, a performatividade das identidades está presente nas ações linguístico-discursivas que têm a capacidade de criar, legitimar, naturalizar e reproduzir categorias (ou categorizações) identitárias que são subjetivadas por sujeitos sociais. Conforme Butler (2003), por exemplo, o enunciado ‘É uma menina’ que geralmente é dito após o nascimento – um ritual típico em culturas ocidentais e repetido sistematicamente – tem a capacidade de inculcar uma percepção sobre um modo de ser, uma substância de gênero, uma identidade naturalizada, ligada diretamente ao sexo. Isto quer dizer que, muitas vezes as identidades de gênero estão relacionadas a certos valores estabelecidos pela sociedade, fazendo com que não só introjetemos e subjetivemos identidades de gênero e valores que as caracterizam mediante nossa participação em práticas discursivas, como também ideias e crenças que são efeitos de atos performativos ritualizados e sistematicamente reiterados e não uma essencialização entre gênero e sexo.

A constituição de indivíduos em sujeitos integrantes de categorias como ‘homem’, ‘mulher’, ‘machão’, ‘rapariga’, ‘viado’, ‘sapatão’ etc., entre outros marcadores identitários, está inscrita em relações de poder e hierarquizações sociais. No entanto, essa perspectiva aponta possibilidades de resistência aos sentidos identitários hegemônicos que estão convencionados e consagrados na cultura. Como pontua Rajagopalan (2003), o que foi criado através da linguagem, pode ser subvertido ou modificado via linguagem. Isto é, podemos repensar sentidos sobre quem somos e/ou temos sido em termos identitários. Podemos, sempre que for do nosso interesse (algo que nos afeta pessoalmente, como grupo ou como sociedade), nos engajar em projetos pragmático-discursivos concernentes a atos performativos que vão na contramão de ordens sociais estabelecidas.

Recorremos a essa concepção performativa das identidades para analisar a performatividade como prática reiterativa sobre masculinidade em jogos de linguagem presentes em sentidos que circulam no Forró Eletrônico nordestino. Para tanto, é fundamental pontuar as principais características da emergência histórica de crenças e percepções sobre o homem que habita o espaço regional Nordeste.

#### **4. MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E ‘MACHO NORDESTINO’**

No campo dos estudos sobre masculinidades, os sociólogos Connell e Messerschmidt (2013) se notabilizam por discutir a respeito de distintas formas de ser homem na cultura ocidental. Para esses autores, apesar de existir uma pluralidade de masculinidades, a observação empírica tem evidenciado a ascendência alcançada e difundida de uma masculinidade entendida como ‘a hegemônica’, bem como o prestígio dessa masculinidade frente a outras. O conceito de masculinidade hegemônica é, para esses autores, a melhor maneira de refletir sobre o ‘normativismo regulador’ presente simbolicamente entre os homens. Nessa perspectiva, as masculinidades são entendidas como construções socioculturais, ou seja, efeitos de “uma circulação de modelos de conduta masculina admirável, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252). De acordo com esses autores, uma série de práticas, de comportamentos, de crenças e de concepções culturais estão na base da criação e da naturalização de uma ideal relativo a como ser homem, e esse tipo de masculinidade “exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Ao teorizar sobre masculinidades por meio da noção de hegemonia, esses autores investem na descrição e na explicação dos embates sociais, das lutas travadas simbolicamente entre as distintas formas de pensar, definir e conceber as identidades dos homens no mundo social contemporâneo. Esta perspectiva oferece uma heurística a respeito de como as distintas masculinidades (masculinidade no plural) são construídas e naturalizadas cotidianamente por meio de ações concretas efetuadas por atores sociais. As identidades de gênero masculinas (inclusiva, ou, sobretudo, as hegemônicas) não são da ordem da ‘natureza’, mas, sim, aprendidas socialmente, ou seja, não só necessitam de consensos e de coerções, como também precisam da atualização (reprodução) de sentidos sócio-históricos que se materializam (se realizam) em sentidos situados nas ações pragmáticas da vida social (FABRÍCIO; PINTO, 2013), porquanto são resultado de processos linguístico-discursivos (FABRÍCIO; PINTO, 2003; PINTO, 2009; RAJAGOPALAN, 2003). Importante acrescentar que esta noção se estende às relações dominantes mantidas entre homens e mulheres heterossexuais, uma vez que a masculinidade hegemônica diz respeito a todo um imaginário social de prestígio do conceito de masculino, tal como construído nas relações humanas, sejam entre mães e filhos, entre irmãos, entre amigos, entre parceiros homossexuais, bissexuais, transsexuais, entre outras orientações (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Sob perspectiva semelhante, Albuquerque (2003) estuda a emergência de um conjunto de discursos e práticas sociais que estão na raiz do surgimento de uma imagem de ‘homem nordestino’ calcada em valores tradicionais. Entre esses valores, aparece como proeminente uma concepção sobre atitudes e comportamentos masculinos no que diz respeito a como exercer a sexualidade. Uma primeira ideia apresentada por Albuquerque (2003) pontua que, ao se falar de nordestino, a figura evocada seria mesmo ‘o homem nordestino’ e suas formas de agir, pensar, sentir e ser. Isso se deve, em grande

medida, ao fato de esse espaço regional constituir-se por uma sociedade centrada no masculino. Em torno desta identidade foi semeada uma série de temas, enunciados e estratégias retóricas utilizadas por elites da região, sobretudo durante a década de 1920, tendo papel fundamental na construção de uma dada maneira de conceber o homem regional, período em que a própria ideia de ‘região Nordeste’ estava se consolidando no imaginário nacional. Nesse momento, o nordestino foi discursivamente definido como, ao mesmo tempo, uma identidade regional e uma identidade de gênero (ALBUQUERQUE, 2000; 2003).

Um conjunto de tipos regionais foi agenciado na formulação identitária do nordestino, entre eles: o sertanejo, o brejeiro, o retirante, o matuto, o caboclo, o senhor de engenho entre outros, todos pensados como figuras de força e bravura, provenientes do âmbito rural. Conforme Albuquerque (2003), o discurso regionalista tradicional explica o comportamento e as atitudes do homem nordestino por meio de uma mescla de concepções e conceitos, a princípios, divergentes e antagônicos. O ‘nordestino’ seria algo como o ecletismo de construtos identitários regionais já existentes no final do século XIX e início do século XX. Ele se constituiria, sobretudo, por elementos como lealdade regional, valentia, coragem e sexualidade exacerbada. Antes de ser um indivíduo-homem, o nordestino seria ‘um macho’. Dessa forma, “o nordestino deveria atualizar as qualidades dessas antigas figuras, entre elas a de ser ‘macho’, forte, destemido, ativo, brigão, orgulhoso, capaz de defender seus interesses e de seu povo, dentro ou fora da região” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 250). Enfim, um ser que a qualquer sinal de contragosto ou oposição, de uma mulher ou de um outro homem, “se tornava o macho rude e duro, rústico, que não aceitava desonras, nem covardias, que não levava afrontas para casa” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 250).

Ratificando, o nordestino seria um macho que segue seus instintos naturais voltados para a sexualidade – um ser que honra a sua região e a sua sexualidade, que não perde tempo, estando sempre à procura de sexo. Os meninos e os jovens rapazes da região Nordeste foram (e em grande medida ainda são) socializados através do ensinamento social que postula: “o homem, criado solto no mundo, estará sempre ‘pulando as cercas’”. Desde cedo, as mulheres deveriam aprender que não se pode confiar em homem, que é de sua ‘natureza’ trair a mulher” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 245, grifo do original). O nordestino, portanto, é fruto de uma forma de pensar e atuar que foi transmitida tendo por base ensinamentos socioculturais sobre como ser homem no Nordeste.

O discurso regionalista nordestino foi sistematicamente reproduzido em práticas culturais presentes na região, práticas essas que tematizavam/tematizam as nossas características culturais e regionais, entre elas: nossas raízes, nossa literatura, nossa música, nossa culinária e, sobretudo, nossa forma de agir no mundo. Nessa concepção, o nordestino seria um “cabra macho, cabra da peste, homem de fibra, uma reserva de virilidade nacional” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 165). Inclusive, práticas culturais como o cordel e o repente passam a narrar histórias de valentia e de fibra do homem nordestino. O imaginário dessa identidade passou a ser introjetado nos costumes, nos hábitos e nos comportamentos dos diferentes atores sociais que ali vivem.

Em resumo, a identidade do homem nordestino deve-se a uma produção discursiva vinculada a um processo que envolve práticas e sentidos, que emergem em um dado momento histórico, se naturaliza e se estabelece na cultura local. O nordestino, por conseguinte, é “um ponto de encontro entre certo número de acontecimentos históricos, [e] é fruto de um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 252).

Entendemos que os sentidos sobre a masculinidade no Nordeste se relacionam com sentidos sobre masculinidade hegemônica de outros lugares (regiões, países,

continentes etc), de modo que sentidos pragmáticos particulares (de um contexto situado) dialogam com sentidos pragmáticas globais (de contextos mais amplos) e/ou outros contextos espaço-temporais, de modo que as realidades descritas e problematizadas, de um lado, por Connell (2005) e Connell e Messerschmidt (2013) e, de outro, por Albuquerque (2000; 2003) são relacionadas. Uma problemática global pode ser localizada, ao passo que uma problemática local pode ser globalizada.

Alguns questionamentos cruciais surgem desses pensadores: “É possível modificar as relações de gênero modificando apenas as mulheres?” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 6). Não seria relevante acrescentar às discussões de gênero aquelas provenientes dos estudos das masculinidades? Não seria também relevante entender, por exemplo, como a cultura e os discursos que circulam na sociedade constroem maneiras hegemônicas de ser homem, imprescindíveis aos processos de manutenção de muitas hierarquias sociais persistentes em nossos tempos? (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Albuquerque (2010) defende que considerações sobre a constituição das masculinidades precisam ser incorporadas às reflexões contemporâneas sobre gênero o mais urgente possível. Isto é, os homens deveriam ser incluídos nas discussões feministas. É cada vez mais urgente refletir sobre crenças e atitudes da masculinidade hegemônica. Em outras palavras, essa masculinidade precisa ser repensada, de modo a reimaginarmos as práticas que a instituem. Esse autor postula ainda que

[...] nas sociedades ocidentais, e não apenas nestas, a masculinidade é um problema a ser discutido e a exigir soluções, pois a masculinidade entre nós é letal, morremos de masculinidade, matamos por masculinidade, para afirmá-la, por afirmá-la. A masculinidade, tal como é pensada e praticada entre nós, investe na afirmação da agressividade, da competição, da força, da valentia, do heroísmo, da coragem como valores culturais a ser cultivados e exaltados. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 6)

Concordamos com Albuquerque (2010), quanto ao risco de naturalização de masculinidades violentas e perigosas nas subjetividades dos sujeitos, notadamente via o imaginário construído por determinados processos de atribuição de sentidos. Na próxima seção, problematizamos modelos hegemônicos de identidade que atravessam os sentidos produzidos pela forma de vida cultural forró eletrônico. Para tanto, é fundamental haver processos de resistência, uma vez que a “dominação masculina é aberta à contestação e requer um esforço considerável na sua manutenção” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 260).

## **5. MASCULINIDADE NORDESTINA NOS FORRÓS ELETRÔNICOS**

Para analisar os sentidos construídos sobre masculinidade em canções de forró eletrônico, observamos pistas e recursos linguísticos tais como, (1) avaliações, por meio de afirmações valorativas de atitudes sobre si e sobre os outros (PINTO, 2014); (2) explicitações de autoimagem, por meio do uso marcado do pronome ‘eu’ e verbos de primeira pessoa do singular (PINTO, 2014); e (3) retórica sinonímica, por meio da utilização de palavras, provenientes de determinados campos semânticos que estabelecem redes de sentidos (FIORIN, 2014). Tais categorias são recursos linguísticos que colocam em funcionamento e/ou materializam dados valores sobre masculinidade em atos pragmáticos de bandas de forró. São, portanto, recursos de linguagem que realizam a própria performatividade identitária forrozeira.



Martins Ferreira (2005) postula que as práticas de linguagem estão repletas de apropriações e reaproveitamentos de sentidos provenientes de momentos históricos anteriores. Nessa perspectiva, os sentidos são entendidos como reflexos de símbolos solidificados na cultura por atos performativos que atravessam variadas épocas. Nas palavras dessa pesquisadora,

um momento histórico da linguagem não elimina o anterior e nem se exclui do posterior [...] essa continuidade permite reafirmar que a linguagem é ecológica, isto é, um processo de contínuo *reaproveitamento* em que o vaivém do arado linguagem produz um *des-velar* de significações. (MARTINS FERREIRA, 2005, p. 66, grifos do original)

Os atos de linguagem do forró eletrônico reivindicam identidades de gênero que estabelecem continuidades socioculturais com imaginários e modelos de masculinidade hegemônicos na região Nordeste. Essa percepção deve-se ao fato de encontrarmos no forró contemporâneo resíduos de sentidos que ajudam a performatizar identificações que dialogam com a história do ‘homem nordestino’, ou melhor, o ‘sujeito macho nordestino’. Nas canções (1) *Sexo*, da banda Forró Real e (2) *O pegador*, da banda Garota Safada, modelos de subjetividades que atravessam a história são resgatados na construção, naturalização e legitimação de uma imagem para o forrozeiro atual.

(1) *Sexo* - (Forró Real)<sup>4</sup>

*Aonde eu chego todo mundo me conhece / Eu sou um cara com fama de pegador / Saiu comigo não tem essa de paixão / Saiu comigo não tem essa de amor / Entrou no carro já sabe que vai rolar / Apenas transar em um quarto de motel / Não vem com essa de menina adolescente / Sonhar com casamento e lua de mel / Sexo é a minha paixão, não tem jeito não / Eu não consigo me entregar / Sexo! Faça sem compromisso e você sabe disso / Não queira se apaixonar. / (2x) Você vai chorar, você vai chorar / Eu sou assim não vou mudar! (2x)*

(2) *O pegador* - (Garota Safada)

*Eu já fiquei com sua amiga / Com a sua prima / Lá na minha rua não falta mais ninguém / Na faculdade eu peguei mais de cem / No facebook arrebeno também / Agora é você, vem dançar e vem fazer o chehenhen / Chenhenhenhenhem, chenhenhenhenhem / (...) a próxima vítima é você / Que vai cair na minha lábia também.*

Os usos linguísticos, adotados nas canções (1) e (2), revelam concepções, visões de mundo e posições a respeito de como agir, compreender e ser homem no forró. Isso demonstra que as ações linguísticas forrozeiras são atravessadas por valores sociais. Nos forrós (1) e (2), combinam-se elementos conceituais e valorativos nos sentidos colocados em circulação sobre masculinidade. Por um lado, essa prática cultural enaltece atitudes e comportamentos como (1) atingir o status de ser um pegador, (1) o próprio ato sexual, *sexo é a minha paixão*, intimamente associado ao (2) fato de conseguir (ou aspirar) transar com várias mulheres. Por outro, essa mesma prática cultural desmerece a rudeza do macho nordestino (1) o romantismo, o sonho de casar (que eventualmente se tenha), (1) a ingenuidade, (1) o amor, *não tem essa de amor*, (1) a paixão, *não queira se apaixonar*. O texto das canções diz explicitamente o que é e o que não é valorizado a respeito da masculinidade nordestina no forró eletrônico. Por que será que em uma mesma música diz *não queira se apaixonar* e *sexo é minha paixão* ? Isso se dá por conta dos valores envolvidos, dos sentidos em jogo, das concepções a respeito de como agir para ser considerado um homem de verdade no forró. Nesse discurso, ser homem e ser um pegador

<sup>4</sup> O *corpus* analítico está em itálico e com recuo de 3 cm para diferenciar das citações.

são apresentados como sinônimos, concepções projetadas por práticas linguísticas performativas, que estão na base da construção da identidade masculina forrozeira.

Por meio de tais nomeações efetivamente recorrem-se, dialogam-se e materializam-se valores relativos a uma dada maneira de se exercer a masculinidade. São atos de linguagem que tratam o assunto da masculinidade a partir do ponto de vista de quem a concebe como sendo um conjunto de características fixas em que vigoram a exploração desenfreada do outro, do feminino, mesmo que para isso seja preciso desvalorizar e subjugar as mulheres (o que implica poder e dominação).

Para Moita Lopes (2002, p. 157), um traço da masculinidade hegemônica é, fundamentalmente, “a ideia de que o desejo sexual nos homens é incontável, quer dizer, é parte de sua natureza. As garotas são criadas para reprimir a sua sexualidade enquanto os meninos são construídos de modo a não recusar nenhuma chance de experimentar o sexo”. Nestas canções, *o pegador* é ligado aos valores tradicionais de masculinidade vinculadas a memórias de um passado heróico, vitorioso, de *cabras machos*, valentes, corajosos, e, sobretudo, sexualmente ativos. Em tais músicas, os valores socioculturais estão conectados à masculinidade hegemônica: uma masculinidade que é parte integrante de uma cultura e uma sociedade centrada no ato sexual e nos arquétipos de masculinidade que reproduzem e sustentam modelos específicos do que é ser homem; e uma sociedade que pressiona constantemente os meninos para que “ingressem na vida sexual, como única porta para se tornarem homens” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 9). O discurso da masculinidade nordestina constitui-se de papéis de gêneros sociais rigorosamente demarcados, com acentuada valorização de uma determinada imagem masculina. Como pontua Albuquerque (2000, p.12), o homem nordestino foi construído como

o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o cabra danado. O cabra da peste. O cabra escovado. O cabra bom. O cabra de confiança. A ele a imaginação popular atribuía uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais. Irrequieto, inconstante, forte, valente, trabalhador. Um cabra macho, sim, senhor.

As práticas linguísticas, aqui analisadas, reaproveitam parte desses sentidos simbólicos amplamente aceitos, inclusive os apresentam como habitual, ordinário, corrente, normal e natural. São compreensões dominantes sobre masculinidade nessa prática cultural. O construto identitário ‘pegador’ (1) e (2) do forró tem em comum com o ‘cabra macho’ do imaginário falocêntrico nordestino a energia e os desejos sexuais aflorados. No entanto, não se busca uma companheira para o estabelecimento de relações afetivo-sexuais duradouras, ainda que permaneça o domínio masculino e a submissão feminina. Observemos mais algumas canções:

(3) *Levanta a mão pro céu* - (Garota Safada)

*Levanta a mão pro céu e grita obrigado / Eu tô solteiro e tô desmantelado / Qual é o meu estado civil (solteiro) / Qual é o meu estado civil (largado) / Qual é o meu estado civil (tô bebo) / Qual é o meu estado civil (desmantelado). Levanta a mão pro céu e grita obrigado / Eu tô solteiro e desmantelado / Minha mãe me perguntou quando é que eu vou casar / Sai pra lá mamãe vai jogar praga pra lá / Minhas irmãs todas casaram e eu não tô nem ligando / Prefiro ficar só do que ter alguém perturbando.*

Nos jogos de linguagem deste forró, as regras do jogo são: aproveitar a vida, beber, *raparigar*, *curtir sem parar*, (4) escolher a dedo as suas *gatas* e só ficar com as tops ao invés de (3) ser acometido pela praga do casamento. Tais imperativos fazem parte de regras socioculturais dos jogos de linguagem forrozeiro. O sexo é a grande paixão (1),

dado que (2) *na faculdade eu peguei mais de cem, na minha rua não falta mais ninguém, (1) saiu comigo não tem essa de amor, entrou no carro já sabe que vai rolar*. Nos usos ordinários da linguagem que circulam na forma de vida forró, as relações afetivo-sexuais são construídas de tal forma que retomam, em certos aspectos, todo um imaginário sobre a ‘essência’ da sexualidade masculina, (1) *eu sou assim não vou mudar*.

Todos esses atos são propulsores de uma matriz de como exercer a masculinidade: são, portanto, performativos – atos linguísticos que resgatam alguns elementos do arquétipo de virilidade nordestina –: o *pegador*, o *namorador*, o *playboy*, o *playboyzinho* entre outros constructos identitários circulam nos contextos de forró, além de, *solteiros*, *desmantelados* e *largados* (nomeações que em si instauram compreensões e avaliações sobre como agir e ser homem). Todos esses constructos são apresentados como tipos sociais que agradecem aos céus por não terem que se casar. Sendo assim, diferem um pouco das visões tradicionais sobre o papel do homem como provedor da família.

Um traço característico da masculinidade forrozeira é notadamente o imperativo *viver a vida, transar, se divertir* etc. Aliado a isso, há uma forte tendência dos enunciadores das canções se autoafirmarem em tudo que dizem-fazem (a presença do pronome *eu* é recorrente). São sujeitos que se autoapresentam como homens que atuam com sucesso no âmbito afetivo-sexual: *eu sou estilo namorador, eu já fiquei com mais de cem, eu sou um cara como fama de pegador* etc. No discurso da masculinidade no forró eletrônico, os homens são o que fazem. A performatividade do forró “adota uma das formas de masculinidade para definir a masculinidade em geral” (CONNELL, 1995, p.190).

Nas canções (4) e (5), a performatividade do playboy forrozeiro fica ainda mais evidente ao observarmos a retórica sinonímica dos atos linguísticos. Mas é importante salientar dois aspectos sobre a retórica sinonímica: (1) não existem sinônimos perfeitos, mas sim palavras com sentidos aproximados; (2) há pouco valor interpretativo na análise de palavras isoladas, isto é, fora da rede de relações semânticas que elas estabelecem umas com as outras.

(4) *Estilo namorador* - (Garota Safada)

*Aonde eu chego, a mulherada encosta / Eu ligo o som do paredão e a galera gosta / Tô badalado, tô estourado / Eu sou estilo, estilo desmantelado / Se tem mulher, aonde eu vou / Eu sou estilo, estilo namorador / Se tem mulher, aonde eu vou / Eu sou estilo, tô doído pra fazer amor.*

(5) *Playzinho* - (Garota Safada)

*Mas não tem jeito não, eu solto o meu sonzão / Se liga aí galera é pura curtição / Vou sair pra beber, até o amanhecer / Eu tenho o meu estilo de badalação / Sou feliz assim, me chamam de playzim / Meu carro é “tunado” tá beijando o chão / Tô cheio de mulher, levo pra onde eu quiser / Começou a festa no meu paredão! / Eu ando todo invocado no meu carro rebaixado, agora é minha vez! / Botei aro dezesseis, se você me ganhar no racha, eu dou meu carro pra vocês / Pode me chamar de playzin, porque de Kombi Ban ninguém ganha mulher / Esse é meu jeito de ser... de carro rebaixado, MP3 e DVD / Hoje vai rolar a festa no meu paredão, eu vou levar vocês.*

De acordo com Fiorin (2014), elementos lexicais considerados sinônimos apresentam um valor retórico justamente pelas diferentes nuances de sentidos que eles concretizam nos textos. Por um lado, os elementos de uma relação sinonímica diferem porque “um tem uma intensidade maior que o outro: repudiar/rejeitar; berrar/gritar; suplicar/pedir; miserável/pobre [...]”, e, por outro, “um implica aprovação ou censura

moral, enquanto o outro é mais ou menos neutro: beato/carola/religioso; vício/defeito [...]” (FIORIN, 2014, p. 144).

Observamos em ambas estas canções (4 e 5) uma rede de relações de sentidos sobre o ‘playboy forrozeiro’ que o apresenta como um sujeito para quem o *sexo é a grande paixão* e, portanto, objetiva levar *as mulheres a que tem acesso para onde ele quizer* e, inclusive, acredita que elas já sabem o que vai rolar (termos ligados ao campo semântico ‘ato sexual’). Além disso, o ‘playboy’, que se configura como enunciador das canções, se autodefine como alguém que vive em busca de *curtição*, de *badalação*, alguém que aprecia e supervaloriza positivamente o seu *sonzão*, o seu *paredão* (termos ligados ao campo semântico ‘diversão’).

Segundo Fiorin (2014, p. 145), “quanto mais uma área conceptual apresenta interesse e importância para a comunidade cultural mais produz sinônimos”. Por meio do uso dessa série de termos relacionados, evidencia-se a onipresença de temas como *sexo* e *diversão* na maneira hegemônica de se conceber a masculinidade no forró eletrônico. São termos que dão ênfase a um determinado sentido de identidade masculina que está sendo reivindicado nos jogos de linguagem forrozeiros. Esses itens lexicais articulados são centrais na produção performativa do forrozeiro, uma dada maneira de construir, naturalizar e legitimar uma masculinidade específica dessa prática cultural.

As práticas linguísticas, aqui analisadas, revelam como os enunciadores das canções se colocam como agentes ativos de valores relativos a uma dada masculinidade (reproduzindo discursos seculares), em que o forró está na base de uma dada maneira de se pensar e de se conceber a masculinidade (entre várias possíveis). A masculinidade forrozeira depende dos processos linguístico-performativos que as projetam e as põem em circulação.

Não há dúvida, portanto, que o tipo de masculinidade projetada pelas práticas de linguagem do forró é de efeito performativo. Os atos linguísticos no forró eletrônico não refletem uma realidade objetiva anterior às práticas de significação, mas sim a constroem, criam conceitos e categorias que dialogam com o discurso secular sexista ligado à ideia de nordestinidade. A construção da masculinidade forrozeira acaba sendo um modelo, um protótipo de substância de ser (BUTLER, 2003) que passa a ser aspirado como identificação por grupos sociais que participam da forma de vida cultural ‘forró eletrônico’.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das cinco canções nos fornece elementos para refletir sobre o aspecto linguístico-pragmático da construção de uma identidade masculina no forró. Os performativos dessa prática cultural produzem/reproduzem sentidos que lutam em prol de reforçar a hegemonia masculina, fixa e estável do homem forrozeiro.

Argumentamos que o *playboy pegador*, um dos principais perfis da masculinidade forrozeira, é um construto identitário utilizado nos usos da linguagem dessa prática cultural com o objetivo de dar sentido às sociabilidades e relações de gêneros, notoriamente recuperando uma história condensada de sentidos, ligada a um imaginário simbólico e tradicional, que prestigia uma determinada maneira de conceber a masculinidade.

Ao partirmos do ponto de vista de uma abordagem de crítica dentro da Nova Pragmática e da Pragmática Cultural da masculinidade nordestina (RAJAGOPALAN; MARTINS FERREIRA, 2006; RAJAGOPALAN, 2010, 2014, 2016; ALENCAR; MARTINS FERREIRA, 2012; FABRÍCIO; PINTO, 2013; ALENCAR, 2014; PINTO,

2014), acreditamos que é imprescindível submeter os discursos naturalizados e legitimados sobre masculinidade no forró a uma série de questionamentos. Uma vez que acreditamos que eles não são os únicos referentes de identificação masculina. Há outras maneiras de exercer a masculinidade. Maneiras menos opressoras, menos excludentes. Maneiras que não objetificam as mulheres, por exemplo.

Nesse sentido, problematizamos dadas maneiras de pensar a masculinidade que, por vezes, podem acionar desigualdades e exclusões sociais. Explicitar alguns processos performativos que estão na base da construção da masculinidade forrozeira nos permite iniciar um processo mais amplo de reflexão crítica sobre formas de compreender e conceber a masculinidade, aspirando renovações de pensamentos e comportamentos, uma vez que acreditamos que seja possível “uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva” que [possa] nos levar um dia “à abolição das hierarquias de gênero” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245, grifos do original).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Cabra macho, sim senhor!: identidade regional e identidade de gênero no Nordeste. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, MT, v. 1, n.1, p. 25-39, set./dez. 2000.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Cataventa, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, C; SANTIAGO, I; NUNES, M (Orgs.). *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010.
- ALENCAR, C. N.; Pragmática cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, D; MARTINS FERREIRA; ALENCAR, C (Orgs.), 2014.
- ALENCAR, C. N.; MARTINS FERREIRA, D. Noção de Contexto: Problemática Conceitual. Ad infinitum, ad nauseam. *Caderno Linguagem e Sociedade*, Cidade, Estado, Unb, v.13, n.3, pp.187-201, 2012.
- ALENCAR, C. N.; SOUSA, A; BRITO, G. Nova Pragmática: uma proposta crítica e emancipatória para a Linguística Aplicada. In: LIMA, A; PITA, J; SOARES, M. *Linguística Aplicada: os conceitos que todos precisam saber*. São Paulo: Piamenta Cultural, 2020.
- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BASTOS, L; MOITA LOPES, L. (Orgs). *Estudos de identidade: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMERON, D. *et al. Ethics, advocacy and empowerment: issues of method in researching language*. *Language and Communication*, Oxford, v.3, n.2, p.81-94, 1993.
- CONNEL, R. Políticas da masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre/RS, v.20, n. 2, p.185-206, jul./dez. 1995.
- CONNELL, R; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, janeiro-abril, 2013.
- DERRIDA, J. Assinatura, acontecimento, contexto. In: DERRIDA, J. *Limited Inc*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- FABRÍCIO, B; PINTO, J. Inclusão e exclusão sociais em práticas discursivo-identitárias: microrresistências e possibilidades de agenciamento. In: PINTO, J; FABRÍCIO, B (Orgs.). *Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.
- FIORIN, J. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- LOPES, A. Pragmática engajada: performances de resistência no funk carioca. In: SILVA, D, MARTINS FERREIRA; ALENCAR, C (Orgs), 2014.
- MARTINS FERREIRA, D. O simbólico na ecologia da linguagem: processo designativo. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, SP, v.7, n.2, p. 65-71, 2005.
- MARTINS FERREIRA, D. Identidade feminina no espaço político: percurso simbólico na ecologia da linguagem. In: RAJAGOPALAN, K; MARTINS FERREIRA, D. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006a.
- MARTINS FERREIRA, D. *Não pense, veja: o espetáculo da linguagem no palco do fome zero*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006b.
- MARTINS FERREIRA, D; ALENCAR, C. Por uma ‘nova pragmática emancipatória’. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, n(52.2): 271-285, jul./dez. 2013.
- MOITA LOPES, L. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L (Org.). *Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas-SP: Mercado de letras, 2003.
- MUNIZ, K. *Linguagem e identificação: uma contribuição para o debate sobre ações Afirmativas para negros no Brasil*. 2009. 202 f. Oorientador: Kanavillil Rajagopalan. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, Campinas, 2009. Versões impressa e eletrônica.
- PINTO, J. *O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala*. Cadernos Pagu, nº. 33. julho-dezembro. Campinas, 2009.
- PINTO, J. Linguagem, feminismo e efeitos de corpo. In: SILVA, D; AUTORA; ALENCAR, C. (Orgs), 2014.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RAJAGOPALAN, K. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- RAJAGOPALAN, K; MARTINS FERREIRA, D. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006a.
- SEARLE, J. *A filosofia da linguagem de John Searle: força, significação e mente*. Savas L. Tsohatzidis (Org.) (Compilador) São Paulo: UNESP, 2013.
- SILVA, D. Dilma eleita pelos nordestinos? Sobre a circulação de atos de fala violentos. *Linguagem em Foco*. Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE. Fortaleza, EdUECE, v. 2, n. 2, p.29-38, 2010.
- TROTTA, F. O Forró eletrônico no Nordeste: um estudo de caso. *Revista INTEXTO*, Porto Alegre, RG. v. 1, n. 20, p. 1-15, janeiro/junho 2009.
- WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. In: *Os pensadores: Wittgenstein e Moore*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- YAGUELLO, M. *Les mots et les femmes: essai d’approche sociolinguistique de la condition féminine*. 3. ed. Paris: Payot, 1987.

Recebido: 7/9/2021

Aceito: 29/3/2022

Publicado: 17/7/2022